

MARXISMO E TEORIA DA LITERATURA

VITOR BARTOLETTI SARTORI*

[Livro: LUKÁCS, György. *Marxismo e Teoria da Literatura*.
São Paulo: Expressão Popular, 2009. 296 p.]

Lukács nasce em 1895, em Budapeste e morre em 1971 na mesma cidade. Sua vida é marcada por acontecimentos históricos cuja significação para o século XX não é desprezível: sua guinada ao marxismo e ao comunismo, por exemplo, passa pela primeira guerra mundial e pela revolução russa, sendo que, logo depois, em 1919, o autor já figura como um dos dirigentes da revolução húngara, vitoriosa, mas efêmera. Deste modo, o autor da obra aqui resenhada tem um percurso que torna sua posição diante da realidade concreta algo de essencial para que se possa compreender sua obra e o assunto que a acompanha, como mostrou convincentemente Nicolas Tertulian em seu livro sobre a estética deste genial marxista húngaro.¹

Neste contexto que é preciso analisar a obra *Marxismo e Teoria da Literatura*. Ela é composta por ensaios escritos entre 1934 e 1940, período importante para a formação de Lukács quando, depois de partir da Alemanha

em plena ascensão do nazismo vai a Moscou em que tem contato com Mikhail Lifschitz no instituto MARX-ENGELS. Ambos, em um diálogo proveitoso, estudando os até então inéditos *Manuscritos de 1844* de Karl Marx, defendem a tese – diametralmente oposta àquela dos teóricos da II Internacional (mesmo a autores respeitados por Lukács como Franz Mehring) – segundo a qual haveria uma estética marxista unitária baseada nos escritos de Marx e de Engels. Com isso, o autor húngaro marca uma oposição à tradição social-democrata alemã hegemônica na II Internacional. No entanto, esse aspecto da teoria de Lukács é menos controverso que sua defesa do que chama de “realismo”: é justamente em 1934 que, em pleno stalinismo, na URSS, ocorre o “I Congresso dos Escritores Soviéticos” em que, sob o comando de Zdanov, quem Graciliano Ramos não deixou de ver como alguém com a sutileza de um cavalo, é consagrado o famigerado modelo do “realismo socialista”. Vê-se: Lukács escreve seus ensaios reunidos na obra *Marxismo e Teoria da Literatura* quando os rumos da política cultural do socialismo, questão vista como essencial para um autor que nunca se apegou ao esquematismo mecanicista do stalinismo, o qual vê o campo ideológico como mero epifenômeno. Assim, os textos reunidos na obra aqui resenhada são tanto uma tomada de posição contra o movimento social-democrata como contra o dogmatismo stalinista. Isto, como explica Tertulian na obra já mencionada, ocorreu, inclusive, à custa do isolamento de Lukács na URSS; e não deixa de ser sintomático, neste sentido, que a revista em que o autor intervém no período de 34 a 40 na URSS (a “Litteraturnyi Kritik”) seja interdita em 1940.

Os ensaios de Lukács expressam a sua posição decidida contra o stalinismo e sua defesa do realismo, muito criticada por Adorno, por exemplo, nada tem em comum com a apologia a um reflexo fotográfico e apologético que se apresenta como “realismo socialista” sob a égide de Zdanov e Stalin. Tal posição, no plano teórico, se apoia e justifica principalmente por Lukács, depois do estudo aprofundado dos *Manuscritos de 1844* de Marx, ter se dado conta da natureza ontológica do pensamento do autor de *O Capital*; com isso, defender um “modelo” de arte que seguisse fórmula x ou y aprioristicamente estipuladas seria, para o autor húngaro, algo absurdo: contra tal disparate, vê o autor a arte como um reflexo da realidade muito distinto de uma mera descrição fotográfica

a qual se prende ao imediatismo na mesma medida em que pretende captar o concreto. Assim, para Lukács, permanece-se em uma compreensão meramente apologética em que se tem uma posição acrítica diante da realidade, tomando-a como algo evidente e natural e apagando as mediações efetivamente concretas e históricas existentes. Lukács diz: *“qual é, de fato, o núcleo de toda a apologética? É a tendência a permanecer na superfície dos fenômenos, ignorando os problemas mais profundos, essenciais e decisivos”*.² Com isso, se percebe que o “realismo socialista”, sob este aspecto, é visto pelo autor húngaro nesta linha, a qual critica como expressão da *“decadência da ideológica da burguesia”*.

No que é preciso traçar, em linhas gerais, o significado do realismo em Lukács: seu percurso é narrativo (há descrição, mas ela se integra na narrativa em que a casualidade se relaciona com os acontecimentos do romance de modo necessário) e os personagens são “típicos” expressando uma singularidade única ao passo que manifestam ao mesmo tempo tendências atinentes à totalidade da sociedade. Deste modo, há uma unidade sensível entre fenômeno e essência. O indivíduo coloca-se como tal somente em meio à sociedade dando expressão na narrativa, sem nunca perder sua característica única, ao movimento presente na própria realidade social e histórica. Ou seja, ao contrário de qualquer “modelo”, Lukács defende uma compreensão segundo a qual não é imputada à narrativa qualquer concepção imediatamente partidária; antes, a narrativa deve expressar o movimento do próprio real, transitando entre o fenômeno, o acidental e a essência, o socialmente necessário. Percebe-se: a concepção de realismo de Lukács tem consigo tanto um afastamento do imediatismo, o qual é chamado pelo autor de naturalismo, quanto de concepções idealistas que imputam tendências de modo arbitrário ou mais ou menos irracionais em meio à narrativa. Com isso, mesmo tendo sido criticado por sua adoção da noção de reflexo (novamente, muito distinta daquela da vulgata stalinista), é essa noção, relacionada com sua concepção de narração, de tipicidade, enfim, de realismo do autor, que traz boas contribuições ao debate estético.

Porém, não obstante o ponto acerca do realismo possa ter sido o mais discutido daqueles presentes nos ensaios escritos por Lukács e reunidos na obra resenhada, há de se destacar algo essencial: não só a concepção de realismo do autor exclui, como resta explícito em seu ensaio *“Arte livre ou arte dirigida”*,

qualquer defesa da literatura de tendência ou de literatura esquemática e ossificada. Como marxista, Lukács coloca a literatura e a arte relacionadas a seu próprio solo social de modo que o desenvolvimento da arte e as contradições sociais, principalmente aquelas da sociedade civil-burguesa, são colocados lado a lado. Com isso, o autor húngaro mostra como, com a passagem da burguesia à posição defensiva diante do proletariado, há uma mudança qualitativa na ideologia burguesa: para o autor, antes de 1848, houve a economia clássica, a democracia e a busca de uma compreensão da história; depois, disso, mas principalmente depois da repressão brutal da Comuna de Paris, aparecem, não autores honestos como Smith e Ricardo, mas a economia vulgar, não a democracia, mas o liberalismo e, por fim, não a busca de uma compreensão das origens históricas da sociedade capitalista, mas a procura pela justificativa das relações sociais existentes. Isso é chamado por Lukács de "*decadência ideológica da burguesia*" – enquanto a burguesia tivesse tido um papel progressista, teria consigo um ímpeto honesto no sentido de se perceber dos nexos reais presentes na sociedade existente, mesmo que, como disse Marx acerca de Ricardo, isso possa ter beirado o "cinismo". No entanto, segundo Lukács, quando a burguesia já se confronta com o proletariado no seio da sociedade civil-burguesa já consolidada, para a burguesia, perceber-se dos nexos presentes na sociedade capitalista é ver-se como uma força já destituída de um ímpeto efetivamente revolucionário e progressista. Nisso, o autor húngaro aponta uma relação entre os fenômenos ideológicos, dentre eles a arte e a literatura, e o desenvolvimento das contradições da sociedade civil-burguesa. E a questão se liga, inclusive, ao realismo na medida em que, na época, se deixa de lado a busca do reflexo adequado da realidade e, segundo Lukács, "*paralelamente a este desprezo pelos fatos históricos, pelas forças reais motrizes da história, surge uma tendência à mistificação*".³

A obra *Marxismo e teoria da literatura*, pois, traz consigo não só apontamentos sobre a estética e a literatura. Relacionado-as com o movimento da história, o autor percebe-se de tendências presentes na realidade social, marcando posição tanto contra o stalinismo e a social-democracia como contra o desenvolvimento do capitalismo de sua época o qual, visto com a noção de "*decadência ideológica da burguesia*", é duramente criticado (já antecipando aspectos

de *O assalto à razão*). Sem uma compreensão ontológica, oscila-se entre o apego ao imediatismo e o culto do extraordinário, de modo que, deixando-se de lado nexos reais da realidade, “o racionalismo é uma direta capitulação, covarde e vergonhosa, diante das necessidades objetivas da sociedade capitalista”. Ao mesmo tempo, “o irracionalismo é um protesto contra elas, mas igualmente impotente e vergonhoso, igualmente vazio e pobre de pensamento.”⁴ Ou seja, a obra aqui resenhada é riquíssima, trazendo elementos que somente seriam desenvolvidos com todo o rigor por Lukács posteriormente; ao mesmo tempo o livro traz uma tomada de posição essencial hoje: a busca da compreensão dos nexos reais presentes na própria realidade social. Em meio a uma época em que, assim como na época do marxista húngaro, é vigente um “sistema de pensamento extremamente complicado, que trabalha com categorias bastante sutis e retorcidas, ao qual falta apenas uma ninharia: não referir-se ao núcleo da questão”,⁵ isso é fundamental. Assim, tanto antes como hoje, Lukács continua trazendo posições essenciais, para o autor, sempre, ligadas à defesa do socialismo.

NOTAS

* Vitor Bartoletti Sartori é doutorando em Teoria Geral e Filosofia do Direito na Universidade de São Paulo (USP). E-mail: schopenhauer7@yahoo.com.br

¹ TERTULIAN, Nicolas. Georg Lukács. *Etapas de seu pensamento estético*. São Paulo: UNESP, 2008.

² LUKÁCS, Geörgy, *Marxismo e teoria da literatura*. São Paulo: Expressão Popular, 2010 p. 201.

³ *Idem*, p. 53.

⁴ *Idem*, p. 67)

⁵ *Idem*, p. 85-86.